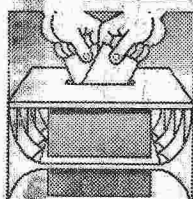


Collor faz de Nilo porta-voz da Bahia

Governador vai liderar campanha baiana do candidato e será o elo com seu eventual governo

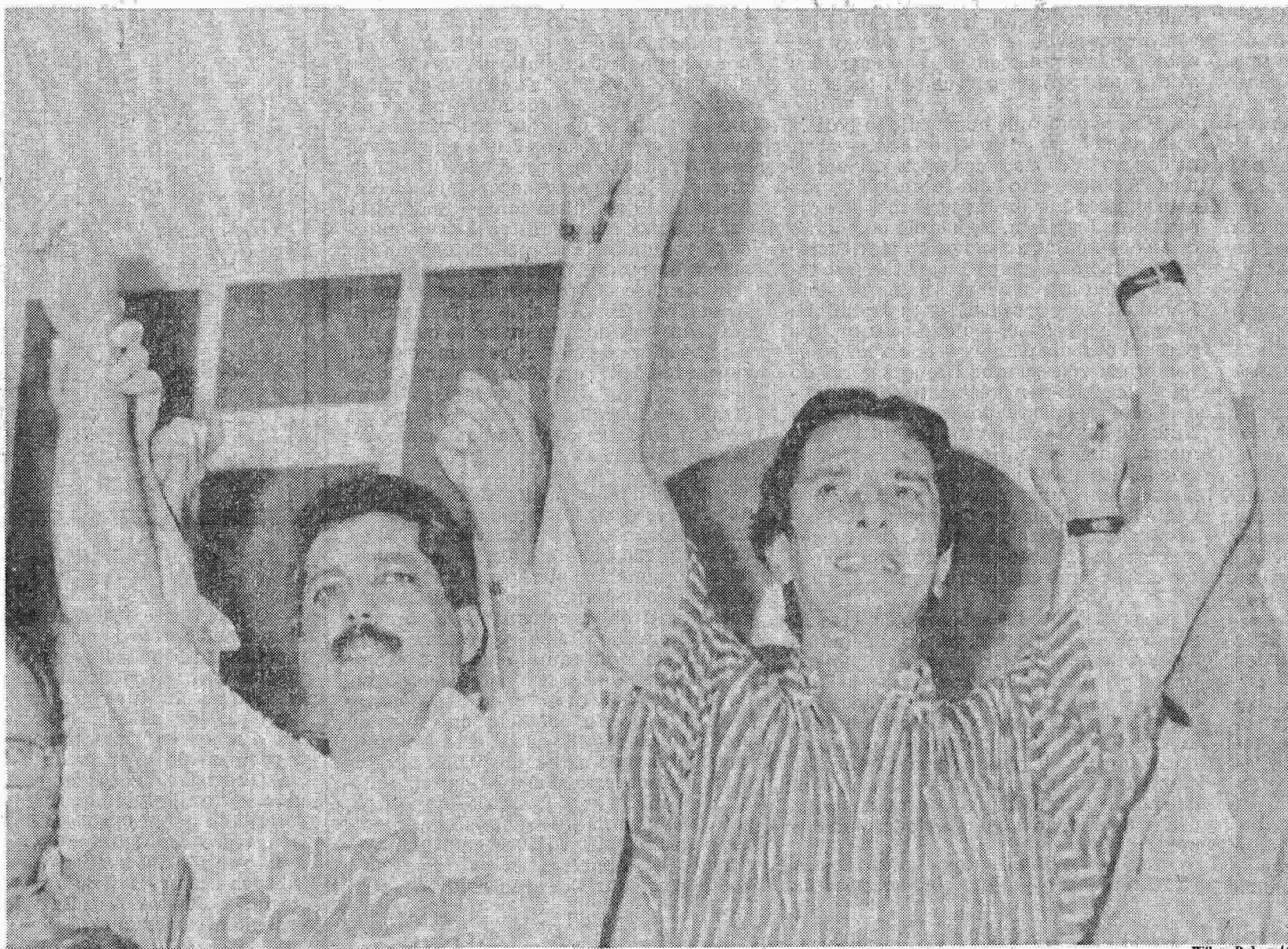
ROBERTO STEFANELLI



SALVADOR — O candidato do PRN à sucessão presidencial, Fernando Collor de Mello, nomeou ontem o governador peemedebista da Bahia, Nilo Coelho, o principal elo político do Estado com o Palácio do Planalto, caso se eleja presidente. "Nilo será o grande interlocutor do meu governo com o povo da Bahia", declarou diante de milhares de pessoas — entre elas, prefeitos do Interior — que superlotavam o auditório do Centro de Convenções, em Salvador. Os deputados carlistas do PFL baiano foram receber Collor no aeroporto, mas não o acompanharam até o Centro de Convenções. "A festa será mesmo para o Nilo Coelho", antecipou Benito Gama, um dos porta-vozes no Congresso de Antônio Carlos Magalhães, um dos mais discretos, e eficazes aliados de Collor na Bahia.

O governador recebeu o aval de Collor para comandar seu palanque eleitoral na Bahia. Um palanque bastante heterogêneo. Além de Antônio Carlos, que o apóia, mas mantém a distância adequada para um ministro do governo José Sarney, estão alinhados com Collor adversários como o deputado Prisco Viana, o ex-governador Roberto Santos — ambos ex-ministros — o empresário Pedro Irujo e os senadores Jutahy Magalhães e Luis Viana. Do lado oposto, com a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ficaram apenas o ex-governador Waldir Pires e o deputado do PC do B, Haroldo Lima.

Toda a liturgia armada ontem na Bahia tinha a concor-



Wilson Pedrosa/AE

Collor com Nilo na festa de adesão: elogios a Ulysses Guimarães, críticas a Sarney e promessa de privilégios à Bahia

dância de Antônio Carlos e foi encenada com perfeição pela assessoria de Collor, que sabe quem deve aparecer como estrela no palco e quem deve permanecer resguardado, distante das luzes da ribalta.

Collor em várias ocasiões arrancou aplausos da plateia coberta de bandeiras, como nas

referências elogiosas ao PMDB, inclusive o deputado Ulysses Guimarães, "homem honrado e digno", e à "ampla aliança" que ali se formava com o PFL, PL e PTB. Mas foi ovacionado quando garantiu que sua administração será feita "por pessoas novas, que não tiveram oportunidade de mostrar suas qualida-

des". Foi o sinal claro para os políticos ligados ao governador de que a estrela de Antônio Carlos perderia o brilho.

Como o próprio governador lembrou no aeroporto pouco antes da chegada de Collor, que ocorreu dentro do habitual tumulto, "quem ajuda a eleger quer ajudar a governar". A con-

tragosto, acabou admitindo a "ajuda" do ministro. "Somos adversários que apóiam o mesmo candidato", disse.

Nilo parecia bem mais à vontade com o empresário Pedro Irujo, espanhol que, com sotaque carregado, não pode almejar muita coisa na política eleitoral baiana. Enquanto Col-

lor discursava no Centro de Convenções, o governador disse no ouvido do empresário, em tom audível: "Já podemos declarar para a imprensa que agora estamos no mesmo grupo". O elo da união estava ali ao lado, o prefeito de Salvador, Francisco José, eleito pelo PMDB e pela força das empresas de comunicações de Irujo, das quais era empregado.

PROMESSAS MÚTUAS

Tanto na movimentação do aeroporto, do Centro de Convenções e no tom do discurso de Collor ocorreram os fatos habituais: a correria, com gente sendo pisoteada, portas de vidro estilhaçadas e a gritaria que fazia lembrar um concerto de rock. No discurso não faltaram críticas ao governo José Sarney, "incompetente, irresponsável e corrupto", e ao PT de Lula, "que quer a baderna e o caos", e "recebe dólares do Exterior".

Collor ficou três horas em Salvador, cancelou o almoço que teria com Nilo Coelho, mas deixou a capital baiana com a promessa solene do governador de que terá "pelo menos um milhão de votos" a mais que Lula na Bahia, que tem 5,8 milhões de eleitores. Para isso, Nilo vai colocar a máquina do Estado para trabalhar, garantindo diminuição substancial da abstenção, que chegou a 30% no primeiro turno. Não faltará condução, o que contraria a Lei Etelvino Lins. Só ontem ele conseguiu deslocar 500 ônibus do Interior para a Capital.

Em troca, Collor prometeu que a Bahia receberá o mesmo tratamento privilegiado de Alagoas, "dois Estados perseguidos pelo senhor José Sarney". Começará pela rolagem da dívida da barragem baiana de Pedra do Cavalo, tornando-a obra do governo federal. É da barragem que depende o abastecimento de água de Salvador e cidades próximas.